

# Falta preparar atendentes

Histórias como a da atendente que colocava o termômetro ao contrário sob o braço dos pacientes, conferindo-lhes a sua própria temperatura registrada na ponta dos dedos ou de outra que, com problemas de visão, mal conseguia ler o nome dos medicamentos, são contadas sem ironia pelos enfermeiros diplomados.

Ao contrário, todos estão apreensivos, principalmente ante o quadro desolador composto pelas estatísticas: de todos os profissionais brasileiros do setor, 12 por cento são enfermeiros diplomados, 25 por cento são auxiliares de enfermagem (técnicos de 1º grau) e 63 por cento são atendentes que contam com cursos de qualificação em raros hospitais. A presidente da ABEn, Circe Melo Ribeiro, acha que os hospitais "como instituições sociais" deveriam ter a responsabilidade de melhorar o nível dos funcionários realizando cursos de treinamento e serviço para os atendentes, como os cursos de auxiliares de enfermagem. E esse "fator de risco" a que estão sujeitos os pacientes tem uma agravante paralela, que é a própria estrutura do setor: o

técnico de enfermagem, que é de nível médio, ainda não tem condições de se registrar pois inexiste a categoria apesar de projeto nesse sentido estar na Câmara desde 1968. E isso provoca distorções como o pagamento de salário idêntico aos auxiliares de enfermagem, que recebem o salário mínimo.

Além disso, o técnico enfrenta a falta de campo de estágio pois o ensino profissionalizado, quando instalado, opta pelo setor comercial que não exige equipamentos adicionais. E também há a proliferação de cursos livres de noções de enfermagem que uma emissora de rádio, por exemplo, anuncia diariamente como curso de enfermagem. Vários incertos acabam fazendo esses cursos e quando terminam vão ser apenas atendentes, com baixa remuneração. Mesmo o enfermeiro diplomado — cujo salário é considerado equiparado a outros profissionais de curso superior — enfrenta problemas de adaptação ao deixar a faculdade. O mercado de trabalho é para cargos de chefia e a maioria sai sem o quarto ano, em muitas escolas opcionais, que trata da habilitação profissional. Até hoje a ABEn

está aguardando a reconstituição de uma comissão do MEC que existiu de 1966 a 1968 para cuidar do incremento dos cursos de enfermagem e também da estruturação da equipe ideal de trabalho do setor até agora indefinida.

Atualmente, das 11.500 enfermeiras diplomadas — das quais 20% não trabalham — cerca de 50 por cento estão concentradas nas cidades de São Paulo e Rio. Isso significa um completo desamparo às outras regiões, panorama generalizado na América Latina e que inspirou a reunião de ministros no Chile em 1972 a propor uma série de providências.

Entre outras coisas, pretendeu-se a redução de 50 por cento das infecções adquiridas pelos pacientes dentro do hospital e, no mesmo índice, os acidentes ocorridos com pacientes hospitalizados em decorrência de um serviço de enfermagem deficiente. Foi sugerido também um cumprimento integral da função assistencial do grupo de enfermagem aos pacientes em hospitais, serviços de consultas externas e centros de saúde.